



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

VOZES AFRICANAS E AFRO-DIASPÓRICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA

Raquel Almeida Mendes
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo/IESA/UFG)
almeidamendesraquel@gmail.com

Alex Ratts
Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo/IESA/UFG
alex.ratts@gmail.com

Resumo: No presente trabalho, temos como principal objetivo discutir o ensino da temática África relativo à África e às questões africanas e diaspóricas, raciais e étnicas na Geografia e a importância de interlocuções e autorias africanas e afro-brasileiras nesse processo. Endossamos nesse trabalho a importância do ensino de África a partir do que nomeamos de “vozes”, considerando dessa maneira a autoria negra e as inúmeras relações de caráter material e imaterial que temos com as sociedades africanas e suas diásporas. A partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico e interpretativo, propomos a inserção de epistemes, literaturas, dentre outras produções acadêmicas, culturais e artísticas de autoria africana e afro-brasileira, raramente inseridas nos currículos de ensino e planos de aula tanto da educação básica quanto do ensino superior. Visando, sobretudo romper com uma educação geográfica eurocentrada, articulando um processo de ensino-aprendizagem antirracista, em conformidade com marcos legais tais como a lei nº10. 639/03.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Geografia da África; Vozes Africanas.

Introdução

No presente trabalho, temos como principal objetivo discutir o ensino relativo à África e às questões diaspóricas, raciais e étnicas no ensino de Geografia, assim como a necessidade da interlocução com vozes africanas nesse processo didático, tanto na formação inicial,

quanto na educação básica. É tomada como ponto de partida a ideia de reversão da lógica eurocentrada, estabelecendo novos olhares e novas narrativas para o ensino de Geografia da África.

Considerando as relações culturais, econômicas e sociais que nosso país tem com o continente em questão, há muito que ser dissertado. As conexões feitas no período expansionista europeu e na migração forçada de milhões de seres humanos, resultou em uma vasta herança histórica e cultural desse processo (GILROY, 2001) e que denota a história da nossa nação, de um território marcado por agentes indígenas, africanos, portugueses e de outros pertencimentos étnico-raciais. Nessa perspectiva, faz sentido a leitura e a interpretação de textos acadêmicos e/ou literários de autoria africana (RATTS, 2018).

O trabalho em questão trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter interpretativo, visando estabelecer novas perspectivas a fim de sobrepor as prerrogativas que permeiam nosso imaginário a partir de expoentes negrxs, nos induzindo a repensar as práticas educativas que ainda atribuem miséria e atraso como sinônimos de África e assim tentar reformular o discurso hegemônico ainda sobreposto no ensino de Geografia.

Desafios para o Ensino de Geografia da África

Ensinar África é rememorar o Brasil, nosso país que tem uma história e uma formação territorial, social e cultural atrelada à espacialidade africana. De acordo com o Geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes (2008), a África tem sido por vezes representada de forma estereotipada, pouco relevante e refém de uma lógica imperialista. A negligência histórica/espacial/temporal dessa temática na sala de aula acarreta na formação de sujeitos desconhecedores das nossas matrizes e o que pretendemos partir de comunicações tais como esta é refletir sobre essas lacunas e modificá-las.

São muitos os empecilhos a serem superados na efetivação de uma Geografia Escolar capaz de dialogar com uma afrocentricidade, ou melhor, com uma abordagem sobre África a partir da África. Podemos iniciar a partir das lacunas da implementação da lei nº10. 639/03 que torna obrigatória o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira nas escolas, depois podemos citar outras questões tais como o próprio sistema escolar brasileiro que reflete práticas eurocentradas dotadas de colonialidade.

O teórico decolonial Aníbal Quijano nos adverte que uma das formas de manutenção da ordem hegemônica europeia se dá quando a colonialidade do poder se transfere para a colonialidade do saber (QUIJANO, 2005). Partindo desse pressuposto, as epistemes acadêmicas, os saberes escolares, podem ser vistos como resultado de um sistema-mundo articulado e centralizado numa hegemonia europeia que margeia a epistemes africanas e afro-brasileiras.

O currículo escolar é um instrumento de suma importância que em sua rigidez, teor conteudista e muita das vezes o distanciamento da realidade social dos discentes se apresenta como alvo de debate da luta antirracista na educação (GOMES, 2012). O processo de construção do currículo está inserido no âmbito das relações políticas e históricas. Tendo em vista que os conteúdos escolares ensinados e discutidos no contexto escolar não são resultantes de uma ação ocasional e passiva perante o que a sociedade determina, trata-se de uma construção dada a partir de atores hegemônicos que ditam quais conhecimentos devem ser colocados em primeiro plano, enquanto aos demais cabe o lugar da subalternidade.

Segundo com o geógrafo e antropólogo Alex Ratts, no que tange o currículo escolar e as temáticas étnico-raciais:

Na maioria dos casos, o currículo escolar, apesar de ser um aspecto central na discussão sobre a escola e as relações que são estabelecidas nela, não privilegia conteúdos que abordem a questão étnico-racial no Brasil. Ao contrário, observa-se que as referências adotadas no processo educacional são predominantemente eurocêntricas, ou seja, o currículo não aborda as diversas perceptivas socioculturais que representam a sociedade brasileira, ou mesmo a comunidade escolar (RATTS, 2006, p.50).

A formação de professoras e professores de Geografia também deve ser repensada, haja vista que nos cursos de licenciatura essas discussões acontecem de forma muito escassa, o que acarreta em docentes com pouca destreza perante a abordagem sobre África na educação básica, fazendo com que esse conteúdo seja visto de forma estereotipada, superficial e pouco significativa aos discentes que continuarão a ter o mesmo imaginário sobre a herança negra-africana, tornando isso uma problemática preocupante e urgente.

Somando com o debate sobre o desafio da formação de professores/as de Geografia para as questões raciais e africanidades, a pesquisadora Lorena Souza discute que:

O desafio para professores e professoras de Geografia é romper com os currículos impostos, pois eles devem ser dinâmicos e se adaptar às mudanças no cerne da sociedade e, principalmente, não fechar os olhos para a realidade racial de nosso

país. Mas sabemos que essa conscientização do/a professor/a não é somente uma construção individual, talvez a mais importante, mas sim, de uma preocupação com sua formação continuada que deve acontecer de forma coletiva (SOUZA, 2017, p. 16)

Não cabem apenas as Geógrafas e Geógrafos negros e quilombolas a atenção para os conteúdos de Geografia da África e a preocupação por uma abordagem sólida, atrelada às muitas “Áfricas” existentes em nosso território. Não se trata unicamente de um viés de militância ou ativismo negro, porque mesmo considerando a legislação que contempla os docentes de forma totalizante, ou ao menos deveria contemplar, o tema não deve deixar de ser abordado porque se trata de saberes relevantes e intrínsecos a Geografia do Brasil.

Ainda no bojo dos desafios voltados para o ensino de Geografia da África temos o papel de grande relevância do livro didático no ato de orientar, auxiliar e contribuir no processo de ensino-aprendizagem. O livro didático é um dos principais recursos utilizados no cotidiano escolar, tanto por docentes quanto por discentes, fazendo daquele instrumento uma grande fonte de saberes no cotidiano escolar. Todavia, o que e com quem esse livro didático dialoga? A serviço de qual ou quais pensamentos está em consonância? O que ele apresenta? O que ele não apresenta? Quais os estereótipos reforçados?

Não estando às margens de uma sociedade hierárquica, pautada em desigualdade nas mais diversas esferas, assim como um sistema educacional dotado de colonialidade, o livro didático reverbera as mesmas problemáticas sociais, evidenciando determinados conteúdos e invisibilizando outros, sendo este o caso dos conteúdos relacionados a África que por vezes são negligenciados (RATTS, 2006).

Dessa maneira, é necessária uma releitura do livro didático de Geografia, do lugar reservado a temática africana, da forma como esse conteúdo é representado, ou seja, as narrativas e as imagens contidas, porque um material tal como o livro didático em sua relevância, que aborde de forma primorosa uma África para além do discurso de subdesenvolvimento, auxiliará docentes com conceitos e saberes que estes podem não ter se deparado em seu processo formativo e também ajudar os discentes nos conteúdos geográficos sobre África.

Os desafios para um Ensino de geografia da África eficaz e significativo na formação cidadã são inúmeros e pode-se dizer que grande parte é marcada pela colonialidade ainda muito presente nos sistemas educacionais. A implementação da lei nº10. 639/03 contribuirá na

formação de educadores que terão mais sensibilidade com essa abordagem na escola, enxergando-a não como um conhecimento opcional, mas como parte dos saberes geográficos necessários aos discentes.

Vozes Africanas e Afro-diaspóricas no ensino dos Conteúdos de África na Geografia

O interesse pela elaboração desse trabalho surge a partir de uma experiência no estágio docência da disciplina “Tópicos em Geografia Humana: Geografia da África”, onde o exercício realizado durante a disciplina vem ao encontro do que estamos propondo aqui. Trata-se de inserir África durante o ensino de Geografia da África, ou melhor, falar da África considerando-a como um lugar dotado de personalidades, expoentes que muitas das vezes não é convidada a fazer parte do processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

Quais teóricos/as africanos/as nós conhecemos? Quais livros de escritoras/es africanos/as ou afro-brasileiros/as já lemos? Quais cantores ou cantoras africanos/as ouvimos? Quantos artigos científicos de teóricos/as africanos/as ou afro-brasileiros/as já tivemos como referencial teórico em nossa trajetória acadêmica?

Refletir sobre essas perguntas nos aponta o lugar da ausência e do silenciamento que há sobre o que é produzido nas muitas Áfricas existentes, tais como o que é produzido em nosso país, por assim dizer. Das muitas pesquisas que discutem sobre o ensino das questões africanas, é apontada a ausência dessa abordagem em sala de aula, ou sobre como essas abordagens ajudam a reforçar imagens de controle que por vezes associa uma imagem folclórica, selvagem e miserável, mas como essas imagens tão presentes no imaginário coletivo podem ser modificadas? Acredito que pelo caminho inverso da coisa.

Se há um imaginário popular que enxerga somente essa África simplista, percepção esta que passa a ser reproduzida na escola e nos demais sistemas de ensino, podemos começar a apresentar outras faces, das riquezas, potencialidades físico-naturais e sociais, produção científica e literária, dentre tantas outras vozes, sentidos e imagens que contrapõem esse lugar de subdesenvolvimento amplamente difundido.

Segundo o antropólogo e pesquisador da temática étnico-racial no Brasil:

A escola, como parte integrante dessa sociedade que se sabe preconceituosa e discriminadora, mas que reconhece que é hora de mudar, está comprometida com essa necessidade de mudança e precisa ser um espaço de aprendizagem onde as

transformações devem começar a ocorrer de modo planejado e realizado coletivamente por todos os envolvidos, de modo consciente. [...] a educação escolar deve ajudar professor e alunos a compreenderem que a diferença entre pessoas, povos e nações é saudável e enriquecedora; que é preciso valorizá-las para garantir a democracia que, entre outros, significa respeito pelas pessoas e nações tais como são, com suas características próprias e individualizadoras; que buscar soluções e fazê-las vigorar é uma questão de direitos humanos e cidadania. (MUNANGA, 2005, p. 189).

O ambiente escolar, dessa maneira, se apresenta como um lugar fértil para o combate dessas prerrogativas, considerando o viés de transformação do imaginário dos discentes e da sobreposição de outras imagens, outras narrativas.

No que concerne à educação geográfica temos um leque ainda maior de possibilidades, haja vista que a ciência geográfica considera as tensões e relações existentes entre sociedade e natureza, tendo o poder de dialogar e estabelecer leituras geográficas sobre uma África multifacetada, com experiências espaciais distintas da lógica ocidental, com organizações territoriais que foram fortemente fragilizadas em função do expansionismo europeu, com espacialidades muito marcadas pelos atributos multiétnicos desses povos africanos (OLIVEIRA, 2018).

De acordo Alex Ratts, no que concerne o eurocentrismo e o processo de ensino-aprendizagem de Geografia da África:

Se há desconexões e um centramento na Europa, o ensino de Geografia da África pode ser centrado nas sociedades africanas considerando suas formações socioespaciais, etnicorraciais e culturais sempre em conexão com o sistema-mundo. A multiplicidade de atores – coloniais e “pós-coloniais” – deve sempre ser considerada como conexão mundial – quer tratemos de intelectuais ou de conflitos territoriais (RATTS, 2018, p.36).

Visando essa nova centralidade, traremos alguns dos muitos expoentes africanxs e da diáspora que podem ser evidenciados durante o processo de ensino-aprendizagem de Geografia da África não somente na educação básica, mas também nos cursos de formação de docentes em Geografia, e que contribuirão para uma educação mais afrocentrada.

Chimamanda Ngozi Adichie: o lugar da mulher negra, nigeriana e migrante na literatura pós-colonial

A escritora Chimamanda Ngozi Adichie faz parte de uma nova geração de escritores/as nigerianos/as que buscam a partir de suas escritas estabelecer um olhar próprio, de dentro, perante a história de seu país, priorizando a partir da construção de uma memória nacional.

alavancar temas como a Guerra do Biafra, também conhecida como Guerra Civil Nigeriana ou Guerra de Secessão, tema abordado a partir do romance “*Meio Sol Amarelo*” (2008) que discute de forma atual e singular esse acontecimento (NUNES, 2016).

A obra literária da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie leva os/as leitores/as a questionarem as sutilezas do imaginário eurocentrado e homogeneizador no cotidiano de sujeitos africanxs e a herança da colonialidade inglesa, desde a organização dos territórios, a diferenciação étnica em territórios comuns e os conflitos resultantes disso.

Chimamanda Adichie em seu percurso literário aborda inúmeras temáticas pertinentes a sua realidade de mulher negra, africana, nigeriana, escritora e migrante. Sendo assim, a depender de qual obra optamos nos debruçar é possível trazer a tona desde as questões mais subjetivas, quase que autobiográficas da autora, como na coletânea de contos *No seu Pescoço* (2009) até questões em torno da realidade de seu país, as tradições religiosas, práticas culturais nigerianas, negação da cultura local em função da cultura hegemônica, o cotidiano da família nigeriana como uma expressão da relação pós-colonial, dentre outros vieses tratados em seu primeiro romance *Hibisco Roxo* (2011) e demais obras (RESENDE, 2013).

Segundo Alyxandra Nunes, no que tange a literatura de Chimamanda Adichie e sua trajetória intelectual:

[...] o objetivo da escrita adicheana é o de provocar o debate sobre questões que povoam o imaginário da autora sobre a nação nigeriana, numa busca de conciliação com o passado. As experiências vividas por suas personagens podem ser lidas como uma justaposição de narrativas que merecem destaque para além do texto literário, nesse sentido, o contexto mais imediato da obra é relevante na medida em que, ao trazer à tona o debate sobre questões relacionadas, por exemplo à vida familiar, à religião, ao legado do colonialismo, ao projeto falido de nação, do genocídio, da dependência da ajuda internacional, da opressão aos intelectuais, da necessidade de imigração, etc., a autora está de fato ocupando um lugar político através das letras e não deixa calar assuntos há muito necessários na vida política do país [...] (NUNES, 2016, p. 144)

Dessa forma, os romances e contos de sua autoria dialogam com diversos temas tanto da Geografia quanto das demais ciências, não somente no âmbito dos estudos literários. O evidenciamento de problemáticas geopolíticas da Nigéria, questões relacionadas à migração de cidadãos africanos para a América, bem como as desigualdades socioeconômicas, raciais e de gênero são temas abordados em seus contos e que em sala de aula podem de forma lúdica despertar o debate sobre a Nigéria, país mais populoso da África e o próprio continente africano em suas mais diversas esferas.

A interdisciplinaridade entre Literatura e Geografia neste caso é de suma importância, considerando os moldes positivistas que ainda permeiam os processos didáticos no ensino de Geografia. A inserção da literatura contribui para uma visão não fragmentária do ensino, possibilitando a partir da leitura o uso de múltiplas linguagens, bem como o entendimento das espacialidades contidas nas obras literárias e que são trazidas a tona a partir da cotidianidade dos/as estudantes (SILVA E BARBOSA, 2014).

Bell hooks: por uma pedagogia antirracista e antissexista

A educadora Gloria Jean Watkins, bastante conhecida pelo seu pseudônimo bell hooks, é uma afroestadunidense que em suas escritas e narrativas defende uma educação interseccional que considera elementos tais como raça, gênero e classe. A pedagogia de bell hooks, bastante inspirada na perspectiva freiriana, dialoga com a necessidade de questionar as práticas de ensino, tratando de estabelecer uma prática educacional humanista, sobretudo antissexista, antirracista e que garanta autonomia e senso crítico aos discente perante as opressões que os atravessam cotidianamente (LIMA E FRUTUOSO, 2018).

Em sua obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, bell hooks relata a importância de construir novas práticas educativas que priorizem a emancipação dos educandos, um engajamento crítico perante o processo pedagógico e uma prática docente pautada numa coletividade, do ato de ensinar e conjuntamente aprender (hooks, 2013).

A escrita de bell hooks perante o processo de formação de professores, atrelada aos demais teóricos e teóricas da didática e prática de ensino de Geografia pode contribuir no entendimento de que determinados métodos pedagógicos tradicionais precisam ser transformados e trans-cendidos para fins de alcançar o escopo da temáticas sobre gênero, raça e classe em sala de aula (hooks, 2013) e neste caso em específico as africanidades.

A presença de teóricas como bell hooks na bibliografia de disciplinas pedagógicas, nos cursos de formação de professores/as, traz possibilidades e potencialidades para uma prática de ensino libertadora que enxerga a impossibilidade de abordar questões que há pouco ganharam espaço no âmbito acadêmico e a coexistência com moldes didático-pedagógicos que anteriormente não as reconheciam como epistemes necessárias aos processos educativos.

Paulina Chiziane: historicidade, geografia e cotidianidade moçambicana

A perspectiva feminina na literatura africana tem ganhado espaço a partir de escritoras que em suas narrativas abordam questões atreladas a cotidianidade das mulheres africanas, questões estas que por vezes são preteridas perante os cânones literários. A escritora moçambicana Paulina Chiziane, nascida em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique no ano de 1944 e teve sua estreia no contexto literário a partir do romance “Balada de amor ao vento” (1990) e a partir de então elaborou demais obras como, “Ventos do Apocalipse” (1995), “Sétimo Juramento” (1999), “Niketche: Uma História de Poligamia” (2004) dentre outros como “O Canto dos Escravizados” (2018) publicado mais recentemente (DIOGO, 2014).

Tomando sempre como ponto de partida a realidade da mulher moçambicana e da estrutura histórica e sociológica que estão inseridas, Paulina Chiziane escreve sobre vivências que costumeiramente são silenciadas, dialogando sobre corpos atravessados por marcadores de gênero e raça. A própria autora escreve em seu texto ensaístico “*Eu, mulher...Por uma nova visão do mundo*” (1994) o direcionamento de sua escrita a partir desta condição social do ‘ser mulher’ e as barreiras adjacentes:

A escrita trouxe-me uma série de conflitos na esfera familiar. Raros são os casos de mulheres que seguem a carreira artística e que possuem uma família equilibrada. Esta é a minha situação e a minha luta. Com as minhas mãos afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não menos distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos. Devo dizer que não há nada de heroico na minha luta e, de resto, desfruto de todo o prazer que a escrita me proporciona (CHIZIANE, 1994, p.17).

Além das abordagens supracitadas sobre gênero e raça, o percurso literário de Paulina Chiziane denota em suas obras a historicidade e geografia moçambicana, retratando o contexto pós-colonial, a busca pela construção de uma identidade nacional que sobrepuja a dominação econômica e cultural portuguesa, o olhar moçambicano de quem presenciou a Guerra Civil, os conflitos territoriais causados pela diferenciação étnica, dentre outras questões retratadas em romances tais como *Ventos do Apocalipse* e *Sétimo Juramento* (TEDESCO, 2008)

Sendo assim, considerar a escrita e a perspectiva negra no ensino de Geografia da África são optar pelo viés da subjetividade, do olhar que parte de dentro e assim da relação

existente entre os sujeitos e o lugar que vivem, das suas tradições e valores ancestrais, abrindo mão de um olhar descritivo e simplista.

Considerações finais

As experiências resultantes dos povos que formaram este país são para além do viés cultural, são experiências espaciais, haja vista que a relação desses povos com a terra, território, era e ainda são de extrema primazia, isso se considerarmos a questão da territorialidade quilombola e indígena, fruto de lutas neste país por parte de lideranças no que tange a legalização e direito a esses territórios ancestrais.

O fazer geográfico contribui no entendimento das espacialidades, ou seja, nas relações construídas entre a sociedade/meio e são inúmeros os fatores que entram nessas relações, desde fatores culturais até fatores econômicos. Considerando a cultura africana e afro-brasileira como matriz formadora desse país, temos relações de proximidade, continuidades e descontinuidades dessa população descendente trazida a este território e também fenômenos mais recentes como a imigração africana.

A relevância do ensino de Geografia se faz presente na construção de sujeitos cientes de seus papéis em sociedade, conhecedores do meio em que vive e do mundo em que vive, na formação de cidadãos aptos para apreensão da realidade por meio do espaço geográfico (CAVALCANTI, 2012), por meio das relações singulares e simbólicas de cada um, sendo dessa maneira um grande erro realizar leituras espaciais a partir de padrões ou generalizações, haja vista que o sujeito afro-brasileiro, indígena, cigano ou euro-brasileira terão experiências sociais, práticas espaciais e formações para a cidadania distintas entre si.

Sendo assim, o ensino do conteúdo África na Geografia pode partir de várias percepções, desde a geografia física até as discussões geopolíticas, geoculturais e/ou geoeconômicas africanas, o que proponho é que essa potencialidade seja também utilizada para dar lugar a literatura africana e afro-diaspórica que muita das vezes não é abordada, sequer vista como uma possível ferramenta pedagógica no contexto da sala de aula, contribuindo para uma nova visão, uma nova possibilidade de se imaginar e de se ensinar.

Referências

- BELL, Hooks. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla – São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2013 [1994].
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas (SP): Papirus, 2012. p. 39-59.
- CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher: por uma nova visão do mundo**. Abril. Vol. 5, nº 10, 2013, p.199-205.
- DIOGO, Rosália Estelita Gregório. Paulina Chiziane e as relações de gênero em Moçambique. In: DUARTE, Constância Lima. (Org.) Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos. Belo Horizonte: UFMG, 2014, v. 1, p. 8-90.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo, Ed. 34/ Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 33-100.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v.12, jan./abr. 2012, p. 98-109.
- LIMA, Fernanda da Silva; FRUTUOSO, Paula Keller. Aprendendo para Transgredir: a pedagogia engajada de bell hooks como estratégia para o cumprimento da lei n. 10.639/03 nas instituições de ensino. KOAN - Revista de Educação e Complexidade, Maringá: UEM, 2018 p. 09-25.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21ª Ed. São Paulo: Anna Blume, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB. Niterói; EdUFF, 2005, p.17-34.
- NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: Trajetória Intelectual e seu projeto literário. Revista África(s), v. 3, p. 129-145, 2016.
- OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Por uma geografia nova do ensino de África no Brasil. In: In: RATTIS, Alex et al (Org.) **Espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero**. Goiânia, Gráfica da UFG, 2018, p. 09-32. Disponível em: <https://producao.ciar.ufg.br/ebooks/genero-e-diversidade-na-escola/conteudo/parte1/02.html>, acesso em 27 de janeiro de 2020.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005a, pp.118-142.
- RATTIS, Alecsandro (Alex) J. P. **A perspectiva do “mundo negro”: notas para o ensino de Geografia da África no Brasil**. In: COSTA, Carmem Lúcia; RATTIS, Alex; COSTA, Kênia Gonçalves; AGUIAR, Vinícius Gomes. (Org).Goiânia: Gráfica UFG, 2018, p. 33-40.
- RATTIS, Alecsandro (Alex) J. P. et al Representações da África e da população negra nos livros didáticos de geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 8, n. 1, p. 45-59, 2006.
- RESENDE, Roberta Mara. **Gênero e Nação na Ficção de Chimamanda Ngozi Adichie**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) – Programa de Mestrado em Letras, Universidade de São João del-Rei. Minas Gerais, 108 p. 2013.
- SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. O Ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 15, p. 80, 2014.

SOUZA, Lorena Francisco de. **As relações etnicorraciais na Geografia escolar: desafios metodológicos e pedagógicos**. Produção Acadêmica, v. 2, p. 04-19, 2017.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. **Narrativas da moçambicanidade : os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional**. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.